



CARTA ANUAL DO SUPERIOR GERAL
AOS COIRMÃOS DA SOCIEDADE DE SÃO PAULO

O EDITOR PAULINO

artesão de comunhão num mundo conectado

Caríssimos irmãos,

a graça e a paz de Jesus Mestre estejam com todos vocês!

Esta Carta anual chega até vocês enquanto ainda enfrentamos a pandemia mundial do Covid-19 que, desde o seu início, causou e continua provocando forte impacto na vida cotidiana de toda a humanidade, com fortes efeitos negativos na vida das pessoas, das instituições e de toda a sociedade.

Também em nossa Congregação experimentamos suas consequências nefastas, especialmente nos coirmãos que foram contagiados e naqueles que, infelizmente, foram vitimados. A pandemia afetou também tantas outras pessoas conhecidas, membros da Família Paulina, parentes, colaboradores leigos e amigos. Seus efeitos ainda continuam presentes no cotidiano de várias nossas Circunscrições, na vida de nossos coirmãos e de nossas comunidades, na formação, no apostolado, na administração, na economia, etc.

Desejamos, mediante a Carta anual, situar-nos nesta complexa realidade, mas já na perspectiva de um tempo pós-pandemia, embora não seja ainda possível prever com certeza o fim desta fase tão nebulosa em nossa história. Em todo caso, partimos do princípio que *“a pandemia é uma crise e de uma crise não se sai iguais: ou saímos melhores ou saímos piores”*.¹ Com certeza queremos sair melhores, embora conscientes que, se de uma parte existem problemas, de outra existem também novas oportunidades e possibilidades para encarar este tempo como ocasião concreta de crescimento para todos.

Em meio a esta crise sanitária global somos chamados a enfrentar os desafios da evangelização no campo da comunicação numa sociedade sempre mais conectada. Nesse sentido constatamos que a própria pandemia – que é o desenvolvimento de uma doença infecciosa em escala mundial – foi favorecida, na sua rápida propagação, pela conexão ligada à grande facilidade de deslocamento possibilitado pelos meios de transporte, que permitem viagens rápidas e de circuito amplo em um mundo já hiperinterligado, o que porém não significa necessariamente mais solidário e integrado.

De fato, visto que tudo está interligado, a crise humanitária que estamos vivendo, e que nos defronta com os limites humanos, não é uma crise apenas sanitária, mas ao mesmo tempo ambiental, social, econômica e cultural, com evidentes ressonâncias também éticas e religiosas. Mas, com certeza, não estamos sozinhos nesta “crise”. Conforme papa Fran-

¹ Francisco, Audiência Geral de 19 de agosto de 2020.

cisco reconheceu, esta tragédia global despertou a consciência que somos membros de uma comunidade mundial que navega no mesmo barco, onde o mal de um afeta a todos, e que ninguém salva-se sozinho, mas é possível salvar-se somente juntos.²

Também em nível de Congregação, podemos dizer que estamos todos no “mesmo barco”. Uma constatação, esta, que deveria impelir-nos a unir as forças para olhar juntos o horizonte que nos guia rumo ao futuro. Dadas as circunstâncias, o objetivo desta Carta é exatamente oferecer uma proposta de reflexão que nos ajude a avaliar os sinais que a pandemia deixou em nossas vidas e no apostolado, e a pensar o que devemos fazer no caminho de retomada que nos espera, para responder aos desafios de nossa missão hoje.

Propomo-nos empreender esta retomada à luz de nossa identidade de “Editores Paulinos”. Consideramos, de fato, para todos nós um compromisso fundamental retornar aos valores de nossa própria identidade, assumindo-a como verdadeira fonte de inspiração e situando-a na atual cultura da comunicação, num mundo sempre mais conectado em rede, condição imprescindível para depois fazer escolhas concretas.

Nessa perspectiva, subdividimos nossa reflexão em três partes: iniciaremos tratando a identidade do Paulino, em sua vocação de “Editor,³ a partir do pensamento do bem-aventurado Tiago Alberione. Apresentaremos neste ponto algumas características,⁴ procurando situar o Editor Paulino no contexto da cultura produzida pelos meios de comunicação social em que viveu nosso Fundador. São apenas alguns acenos, aliás já conhecidos, mas sobre os quais sempre vale a pena retornar.

Na segunda parte faremos referência à atual cultura da comunicação, visando apresentar alguns desafios para o nosso apostolado no ambiente digital, caracterizado pela conexão em rede. Dessa nova realidade salientaremos, a partir de uma visão antropológica e não tanto técnica, a grande mudança ocorrida na comunicação, ressaltando as “relações” favorecidas pelo protagonismo do usuário, de onde resultou uma grande revolução se comparada ao contexto da comunicação em que nasceu a nossa Congregação.

Enfim, na terceira parte, tomaremos de Jesus e do apóstolo Paulo algumas características, que iluminam a pessoa do Editor Paulino e que o movem a lançar-se para frente como verdadeiro “artesão de comunhão” na hodierna cultura da comunicação.

No final apresentaremos algumas perguntas, com o objetivo de ajudar não apenas a analisar este tempo de dificuldade que estamos vivendo, mas também a assumir uma posição mais audaz e criativa, como Editores Paulinos, numa sociedade em constante conexão.

I. Retomando a identidade do Editor Paulino

Partimos de uma consideração: certamente podemos sair melhores desta pandemia, a partir de nossa identidade de “Editores Paulinos” com todo o sentido carismático que a expressão comporta, isto é, como homens que se empenham a assemelhar-se a Cristo,

² Cf. Francisco, *Fratelli Tutti*, n. 32.

³ Para o aprofundamento sobre a identidade do Editor Paulino aconselha-se a leitura também da Carta anual de padre Sílvio Sassi (publicação póstuma, no dia 26 de novembro de 2014), intitulada *Evangelizar na comunicação com a comunicação*. “Reaviva o dom que recebeste” (in *San Paolo*, n. 446, novembro 2014, publicada também em português). Ela propõe a leitura e a atualização do livro *Apostolato Stampa*, publicação que o Primeiro Mestre considerava um verdadeiro e próprio “manual diretivo de formação e de apostolado”.

⁴ É importante ter presente alguns princípios, critérios e disposições que devem regular o modo de viver e de agir do Apóstolo da Edição segundo a visão de Padre Alberione, e que podem ser encontrados no livro *Apostolato Stampa* (de 1933) e nas edições sucessivas atualizadas: *Apostolato dell’Edizione* (1944), *Apostolato delle Edizioni* (1950) e na edição da *Opera Omnia* publicada no ano 2000.

cuidando de todos os aspectos da pessoa (mente, vontade e coração) e numa formação “integral” (humana, cristã, religiosa, carismática e apostólica).

Podemos sair melhores não apenas em termos de “bons propósitos”, mas como pessoas que vivem a espiritualidade paulina como um verdadeiro estilo de vida⁵ no âmbito da vida consagrada, e que assumem, com zelo e profecia, a missão no campo da comunicação. De fato, é assim que nosso Fundador pensou os Editores Paulinos: *“Inicialmente, pensou numa organização católica de escritores, técnicos, livreiros, revendedores católicos; e daria orientação, trabalho, espírito de apostolado. Pelo ano de 1910 deu um passo definitivo. Viu uma luz maior: escritores, técnicos, propagandistas, porém religiosos e religiosas.⁶ Por um lado, levar almas à mais alta perfeição, aquela de quem pratica também os conselhos evangélicos, e ao mérito da vida apostólica. Por outro lado, dar mais unidade, estabilidade, continuidade, sobrenaturalidade ao apostolado. Formar uma organização, mas religiosa, na qual as forças estão unidas, na qual a dedicação é total, na qual a doutrina será mais pura”⁷.*

À luz da herança carismática paulina, sublinhemos ao menos quatro aspectos da identidade do Editor Paulino, já conhecidos, mas que é sempre oportuno retomar por seu valor permanentemente atual.

1.1 “Transpirar” Deus

A primeira coisa que nos parece importante evidenciar é que o apostolado paulino teve início com o apostolado da imprensa, entendido, na concepção originária de Padre Alberione, como verdadeira evangelização e própria pregação, equivalente àquela oral.

Uma visão ampliada da equivalência entre pregação oral e pregação “impressa” apareceu na segunda edição do livro *Apostolado Stampa*, em 1944, publicada com o título *Apostolado dell’Edizione* (Apostolado da Edição).⁸ Daí em diante toda edição – impressa, radiofônica, cinematográfica – é equiparada à pregação oral.⁹ Nessa óptica, afirmava nosso Fundador, *“a máquina, o microfone, a tela são nosso púlpito; a tipografia, a sala de produção, de projeção, de transmissão, é como a nossa igreja”¹⁰. A própria livraria é igreja e púlpito.¹¹*

Nesse momento é claro para Padre Alberione o sentido da palavra “edição”, entendida como *“obra ou palavra que procede de um pensamento humano: impressos, filmes, transmissões de rádio e televisão, uma obra de arte, um entretenimento musical, etc”¹². Mas o Fundador estava consciente que para o Editor Paulino, entretanto, isso não se reduz apenas em editar qualquer pensamento: “Os pensamentos que ele expõe devem conduzir à ilumina-*

⁵ Cf. Carta do Superior Geral da Sociedade de São Paulo, *A santidade, um estilo de vida*, 2016.

⁶ Em referência especialmente às Filhas de São Paulo, que têm o mesmo carisma da Sociedade de São Paulo.

⁷ Tiago Alberione, *Abundantes divitiae*, 23-24.

⁸ É importante considerar também a passagem de “Paulino escritor” para “Paulino editor”. *“É preciso passar da ideia de ‘autor’ àquela de ‘editor’: observando bem o fruto dos ‘autores’ paulinos é impossível continuar a sustentar que tudo deve ser escrito por nós; é tempo de nos definir como ‘editor’, que escolhe os autores, que traduz do exterior quando os autores nacionais não o deixam satisfeito, que lança as ideias que quer com as suas publicações e que organiza o trabalho de outros...” “Nos anos 1950, com a criação da Sede editorial central, põe-se em crise a ideia autárquica do ‘sacerdote escritor’ para passar ao ‘paulino editor’ (Sílvio Sassi, *O Paulino Editor 1914-2014*. Intervenção preparada por ocasião da Feira de Frankfurt, 7-13 de outubro 2014, e publicada postumamente em *San Paolo*, n. 447, janeiro 2015).*

⁹ Cf. Giancarlo Rocca, *I concetti di editore-editoria-edizione in Don Alberione*, in *Atas do 1º Seminário Internacional dos Editores Paulinos*, Ariccia-Milão, 17 de setembro-2 de outubro 1988, p. 31.

¹⁰ Tiago Alberione, *Carissimi in san Paolo* (1971), p. 832.

¹¹ Tiago Alberione, *Ut perfectus sit homo Dei* (1960), p. 316.

¹² Tiago Alberione, *Carissimi in san Paolo* (1971), p. 166.

ção da mente dos leitores, dos radiouvintes, dos espectadores do cinema e da televisão”.¹³ A edição deve iluminar a mente dos destinatários!

Recordemos que a palavra “edição” deriva do verbo “editare”,¹⁴ que por sua vez deriva do latim *edere*, que significa “fazer sair”, “dar à luz”, “tornar público”. Para o Editor Paulino,¹⁵ porém, a atividade editorial adquire um sentido particular, que podemos exprimir como um “tirar de si para iluminar os outros”, pressupondo que ele tenha a “luz” em si para irradiá-la; isto é, que tenha uma “alma apóstola”: “*Aquela que antes de tudo é enamorada de Deus*”.¹⁶

De fato, no pensamento do nosso Fundador, o Apóstolo é um templo da Santíssima Trindade, que nele é sumamente operante a ponto de transpirar Deus por todos os poros: com as palavras, as obras, as orações, os gestos, as atitudes; em público e em privado; de todo o seu ser. O Apóstolo vive em Deus e comunica Deus!¹⁷

Deus, porém, não é somente a luz que ilumina o Editor Paulino, mas é também a primeira referência da sua missão. Deus é o editor por excelência. Com efeito, dirá Padre Alberione, o Pai celeste é o Editor do Filho... O Filho divino, Editor do Evangelho... O Espírito Santo é o Autor e o Editor da Sagrada Escritura.¹⁸ Toda a Trindade é ela própria “Editora”.

Nessa mesma perspectiva Maria é entendida como a Editora do Verbo humanizado – “*Edidit nobis Salvatorem*” diz a Liturgia. A Virgem Santíssima nos deu o Salvador. Usa o verbo ‘*edidit*’”¹⁹ –, São Paulo é aquele que, com as suas cartas, exerceu o verdadeiro apostolado das edições,²⁰ e a Igreja é “a editora de Deus”.²¹ São todas referências que dão um sentido teológico profundo à identidade do Editor Paulino.

1.2 O espírito pastoral

No pensamento de Padre Alberione o apostolado da edição é também sacerdotal. Havendo equivalência entre pregação oral no templo e pregação por meio das edições, o sacerdócio dá um significado particular à vida do Editor Paulino, o qual exerce sua missão a partir da dúplici expressão: Sacerdote e Discípulo. A sua atividade parte da Igreja e está a serviço da Igreja, dado que o sacerdote não é um homem que vive para si mesmo, mas escreve na própria bandeira “Eu-Deus-Povo”,²² que deve trabalhar com “zelo” para a salvação dos outros.

¹³ Tiago Alberione, *Vademecum*, n. 1220.

¹⁴ O lema latino “editor” deriva de *editus*, participio passado de *edere*, formado pelo verbo *dare* com o prefixo *ex* (“fora”), portanto, justamente, fazer sair, emitir, dar à luz. Desde o século XVII, tanto o italiano *editore* quanto o inglês *editor*, o francês *éditeur* e o português *editor* tiveram o duplo sentido de “estudioso que dirige a edição de uma obra de outro” e de “empresário que publica um livro”. Logo, porém, o inglês distinguiu claramente a função empresarial da função editorial: *publisher*, “aquele que publica”, é o editor; ao passo que *editor* é o que organiza o texto (cf. <https://unaparolaalgiorno.it/significato/editore>). Para compreender o sentido que Padre Alberione dava à palavra “editor”, é preciso sempre voltar à sua raiz latina.

¹⁵ Entre os textos sobre o Editor Paulino assinalamos: Franco Pierini, *Come è nata l’editoria di Don Alberione e come si è sviluppata*, in *Atas do 1º Seminário Internacional de Editores Paulinos*, op. cit., p. 25; Sívio Sassi, *Il Paolino Editore: 1914-2014*, op. cit.; Giacomo Perego, *Essere editore secondo lo spirito di Don Alberione*, in *Atas do 2º Seminário Internacional de Editores Paulinos*, Ariccia, 16-21 de outubro 2017, p. 253.

¹⁶ Tiago Alberione, *Meditazioni e Istruzioni*, Filhas de São Paulo (14 julho, 1931).

¹⁷ Cf. Tiago Alberione, *Ut perfectus sit homo Dei IV* (1962), p. 278.

¹⁸ Cf. Tiago Alberione, *Manuscrito inédito* (1938), Arquivo geral SSP.

¹⁹ Tiago Alberione, *Vademecum*, n. 1051.

²⁰ Tiago Alberione, *Carissimi in san Paolo* (1971), p. 809.

²¹ Tiago Alberione, *Il Raggio* n. 3 (1958), p. 69.

²² Cf. Tiago Alberione, *Appunti di Teologia Pastorale*, 1915, pp. 1-2. (Publicado em português: *Anotações de Teologia Pastoral*).

O ministro ordinário do apostolado das edições é o sacerdote, e o ministro extraordinário é quem trabalha em união com ele.²³ Todos quantos trabalham em união com ele,²⁴ a começar pelos Discípulos do Divino Mestre, participam do “zelo sacerdotal”, todos unidos no mesmo apostolado. Todos “apóstolos”.²⁵ O caráter sacerdotal projeta uma luz sobrenatural sobre os lugares e sobre os meios de apostolado.

Todos participam da pastoral, que é “a grande arte de dar Deus às pessoas e dar as pessoas a Deus em Jesus Cristo”.²⁶ Portanto, todos são chamados a ter um “coração pastoral”. Estão justamente nessa linha as palavras do Fundador, quando assim exorta: “Nosso coração torne-se ‘pastoral’, isto é, amante das almas; zeloso pela sua saúde, paciente nas obras, constante na adversidade. Seja como o bom Pastor: Eu sou o Bom Pastor e dou minha vida pelas ovelhas; eu as conheço, as defendo: as alimento. Seja assim o nosso coração”.²⁷

O Editor Paulino deve zelar pelo povo com “coração pastoral”. O povo, aqui, não se entende como um ente “intocável”, mas concreto na sua realidade existencial. “Devem-se entregar as pessoas a Deus, tomando-as como e onde estão”.²⁸ Por isso é indispensável, como insiste o Fundador, “conhecer as almas, conhecer as necessidades, estudar as tendências, averiguar de que parte se podem apanhar as almas, como multiplicar o bem, que organizações são necessárias”.²⁹

A este respeito, é oportuno lembrar um fato contado pelo próprio Padre Alberione, que ilustra bem a importância que o Editor Paulino deve dar ao público ao qual se dirige: “No início de cada homilia, de cada artigo, o Cônego Chiesa fazia notar: A quem queres dirigir-te? Quem são teus leitores e ouvintes? E o que desejas oferecer com esta homilia ou este artigo?... Ter sempre presente estes... pontos: A quem pretendo me dirigir. O que desejo dizer de proveitoso, de útil. Que necessidades têm os meus leitores”.³⁰

O sentido que Padre Alberione quis dar ao apostolado paulino à luz do ministério sacerdotal é válido ainda hoje, porém é oportuno ter presente que “a reelaboração da ecle-siologia por parte do Vaticano II, identificando a Igreja como ‘povo de Deus’ e com o esclarecimento da complementariedade entre ‘sacerdócio comum dos fiéis’ e ‘sacerdócio ministerial’ (cf. *Lumen Gentium*, nn. 10-14), envolveu plenamente na evangelização todos os batizados, embora com funções diversas: ‘A Igreja é toda ela missionária, e a obra de evangelização é um dever fundamental do Povo de Deus’ (Ad Gentes, n. 35)”.³¹

Continua atual o caráter eclesial do apostolado da edição que compreende o “zelo sacerdotal”, uma atitude que pode ser ligada à sensibilidade de “assumir o cuidado”, que tem suas raízes na capacidade de amar e servir o povo na situação concreta em que vive. Podemos dizer que o amor, o serviço, o coração pastoral, o zelo sacerdotal, a capacidade de cuidar, são alguns dos valores permanentes da identidade e da missão do Editor Paulino, que provêm da herança carismática que recebemos e que não podem ser ignorados.

²³ Cf. Tiago Alberione, *Apostolato dell’Edizione*, 1944, p. 47. (Publicado português: *O Apostolado da Edição*).

²⁴ “Movido pelas convicções expressas em ‘Anotações de teologia pastoral’ e em ‘A mulher associada ao zelo sacerdotal’ sobre o papel dos leigos e em particular da mulher, e observando as necessidades concretas do Apostolado da imprensa, Padre Alberione, servindo-se da categoria ‘quase-sacerdote’, amplia o sacerdócio paulino ao leigo consagrado, à irmã e ao leigo que opera no mundo, fazendo referência a *IPd* 2,9”. Cf. Sívio Sassi, *Evangelizar na comunicação com a comunicação*, op. cit.

²⁵ Cf. nota I em *Apostolato dell’Edizione*, 1944, p. 47.

²⁶ Tiago Alberione, *Vademecum*, n. 1205.

²⁷ Tiago Alberione, *Apostolato Stampa*, 1933, p. 102.

²⁸ *Ibidem*, p. 107.

²⁹ Tiago Alberione, *Vademecum*, n. 1200.

³⁰ *Ibidem*, n. 1188.

³¹ Sívio Sassi, *Evangelizar na comunicação com a comunicação*, op. cit.

1.3 A “Palavra”, luz de todo conteúdo

Mas o que, concretamente, o Editor Paulino deve oferecer? É o próprio Fundador quem responde a essa pergunta: “Nós devemos cumprir a nossa missão, que é aquela de divulgar a fé, a moral, o culto. O resto é apenas contorno que serve a dar maior resultado e fazer aceitar melhor o que ensinamos... Apenas para isso fomos enviados. Devemos refletir sobre este ponto que abrange toda a nossa vocação. Aqui está o ‘Paulino’ completo”.³²

O dogma (fé e doutrina), a moral e o culto, mas sempre iluminados pela Bíblia. De fato, o próprio Padre Alberione afirma que “no apostolado das edições, específico de nosso instituto [Sociedade de São Paulo], o livro que devemos particularmente difundir é a Bíblia: mais de todos e antes de todos, e sempre”,³³ e que “a Escritura constitui a ossatura da teologia dogmática, da teologia moral, da teologia ascética e da teologia pastoral. A Sagrada Escritura é a base do Direito canônico, é o nervo da Liturgia, aliás, é sua parte essencial... A Sagrada Escritura é a que forma a substância do pensamento cristão; aquela que nos apresenta os meios de graça e de santidade”.³⁴

A Palavra de Deus é a mensagem central do apostolado do Editor Paulino, sem a qual sua missão não tem sentido. É forte e iluminante a advertência de Padre Alberione: “Alguns institutos desaparecem porque não cumpriram bem a sua missão; esta passa a outros que a desempenharão melhor. Se não cumprimos bem a nossa missão, o Senhor poderá nos substituir. Há sempre o perigo de afastar-se do fim especial! A Palavra de Deus sempre deverá ser anunciada: sempre existirão almas para salvar. O meio pode variar, mas o anúncio deve permanecer”.³⁵

É verdade que o Editor Paulino deve “dar em primeiro lugar a doutrina que salva. Penetrar todo o pensamento e saber humano com o Evangelho”, porém deve sempre estar consciente que o seu apostolado consiste em “não tratar somente de religião, mas falar de tudo cristãmente”.³⁶ Com efeito, “após ter dado tudo aquilo que se refere à moral, ao dogma e ao culto, pode-se dar também o que diz respeito ao progresso humano, como São Paulo afirma: ‘Tudo o que é verdadeiro, tudo o que é nobre, tudo o que é justo, tudo o que é amável’ (Fl 4,8)”.³⁷

Obviamente, como aprendemos de Padre Alberione, a Bíblia não é apenas o livro que o Editor Paulino deve difundir. Antes de tudo, deve acolher em seu coração, convicto de que “quem fundamenta sua espiritualidade sobre a Bíblia tem uma oração reta, completa: aquela que agrada a Deus”.³⁸ Só então a Palavra poderá iluminar tudo e todos!

1.4 Com todos os meios

O Editor Paulino, segundo a herança carismática herdada do nosso Fundador, utiliza todos os meios técnicos no trabalho de evangelização: “Não importa que seja empregado um ou outro meio; importa que haja corações ardentes e almas que queiram verter toda a sua plenitude no coração das pessoas. Eis a alma que deseja exercer o apostolado, seja qual for o meio que usa: imprensa, cinema, rádio, escola, palavra simples, etc.”³⁹

³² Tiago Alberione, *Vademecum*, n. 1046.

³³ *Ibidem*, n. 1040.

³⁴ Tiago Alberione, *Per un rinnovamento spirituale* (1952), pp. 94-95.

³⁵ Tiago Alberione, *Vademecum*, n. 1065.

³⁶ Tiago Alberione, *Abundantes divitiae*, 87.

³⁷ Tiago Alberione, *Vademecum*, n. 1044.

³⁸ *Ibidem*, n. 709.

³⁹ Tiago Alberione, *Haec meditare* II, 7 (1947), p. 133.

Isto significa que o Editor Paulino não pode identificar o seu apostolado com um meio em particular, mas deve estar aberto ao uso de todos os meios para chegar às pessoas, sempre considerando que “o mundo nos compreenderá se usarmos, para nos comunicar com ele, os meios atuais”.⁴⁰ Seria limitar o alcance do apostolado paulino se este fosse identificado com um meio específico de comunicação. É isto que entendemos quando Padre Alberione diz, referindo-se à imprensa: “A Congregação não está vinculada ao livro. Nós não estamos presos à forma, estamos atrelados ao Evangelho, ao Catecismo, à Igreja”.⁴¹

Um dado imprescindível é que o Fundador tinha uma visão de conjunto a respeito dos meios de comunicação, que pode ser sintetizada desta forma: um meio não exclui o outro. Sabiamente, ele constatava que “as últimas invenções do cinema, rádio e televisão em nada diminuíram a intensidade de influência da imprensa. Ao contrário, estenderam seu campo de ação e formam com a imprensa um todo unido no apostolado das edições”.⁴² Portanto, Alberione pôde afirmar, considerando a realidade da comunicação do seu tempo, que imprensa, cinema, rádio e televisão caminham lado a lado; quatro forças que se completam, quatro dominadores do pensamento, do mundo.

Essa visão de conjunto nos ajuda a compreender que, hoje como ontem, assumir os meios mais céleres e eficazes não significa abandonar o apostolado “tradicional”. O mais importante é chegar a todos com a mensagem da salvação, seja qual for o meio ou a forma escolhidos. Essa consideração nos faz recordar as palavras do papa Bento XVI, quando afirmava que na Igreja veneramos as Sagradas Escrituras, embora não sendo a fé cristã uma “religião do Livro”: “O cristianismo é a ‘religião da Palavra de Deus’, não de ‘uma palavra escrita e muda, mas do Verbo encarnado e vivente’. Portanto, a Escritura deve ser proclamada, ouvida lida, acolhida e vivida como Palavra de Deus, no rastro da Tradição apostólica da qual é inseparável”.⁴³

Analogamente, para o próprio Padre Alberione, nós não pertencemos à “Congregação do livro” mas àquela “da Palavra”. É verdade que, hoje, o apostolado da imprensa ainda continua sendo o meio mais importante do nosso apostolado, e que devemos continuar a fazê-lo bem e com criatividade. Todavia, não podemos esquecer que estamos a serviço da Palavra, vivida, proclamada e “encarnada” com todas as linguagens da comunicação. “A Palavra de Deus sempre deverá ser anunciada: sempre haverá almas para salvar. O meio pode variar, mas a pregação deve permanecer”.⁴⁴

2. O Editor Paulino em um mundo conectado

Com a chegada dos meios eletrônicos de comunicação Padre Alberione amplia sua visão: o “apostolado da imprensa” torna-se “apostolado da edição” e, a seguir, “apostolado das edições”, por incluir todos os instrumentos de comunicação além da imprensa – cinema, rádio, televisão, etc. –, deixando a possibilidade, no futuro, de assumir todos “os meios mais céleres e eficazes que a inteligência humana descobrirá”.⁴⁵

Hoje, com o desenvolvimento das tecnologias digitais, a comunicação está realizando mudança radical, como veremos a seguir. Recordemos que “se a comunicação muda, modi-

⁴⁰ Tiago Alberione, *Vademecum*, n. 347.

⁴¹ Tiago Alberione, *Vademecum*, n. 1049. Cf. *Gli strumenti della comunicazione sociale nel pensiero del Primo Maestro* (1964), p. 65.

⁴² Tiago Alberione, *Ut perfectus sit homo Dei* III (1960), p. 203.

⁴³ Bento XVI, *Verbum Domini*, n. 7.

⁴⁴ Tiago Alberione, *Haec meditare* II, 8, pp. 58-59.

⁴⁵ *Constituições e Diretório da Sociedade de São Paulo*, art. 2.1.

fica-se a realização histórica do carisma paulino em todos os seus elementos”.⁴⁶ Essa mudança, obviamente, não significa romper com o uso dos “meios tradicionais analógicos” (imprensa, rádio, televisão, etc.), mas significa integrá-los na nova realidade comunicativa, que se torna sempre mais multimedial, crossmedial e transmedial.

O desafio atual para o Editor Paulino é viver a fidelidade ao carisma fundacional, assumindo não apenas os novos espaços de comunicação criados pelo ambiente digital, mas também imergindo na mentalidade e na lógica da nova cultura, nascida de um mundo em contínua conexão em rede, que cria e favorece “relações”. Antes de entrar nesse tema, apenas algumas referências à lógica da comunicação em que nasceu “o apostolado da edição”.

2.1 A visão linear da comunicação

Padre Alberione pertence a um período histórico no qual a comunicação era fortemente entendida no contexto dos meios de comunicação de massa, isto é, a comunicação instrumental como meio de transmissão e de difusão das ideias, da voz, das imagens, etc., a um público vasto e disperso. *“Um autor tem uma mensagem a transmitir através das linguagens dos diversos meios de comunicação e comunica-a a uma multidão de receptores que ficam influenciados segundo o modo pretendido pela estratégia do emitente. Trata-se de uma comunicação que, de fato, é simples transmissão: o autor realiza em sentido único os efeitos programados sobre o público. [...] A própria natureza dessas tecnologias, naquele tempo meios de comunicação de massa, motiva-o a conservar a mesma organização de trabalho (redação, técnica e difusão), embora com as adequações necessárias segundo as leis significativas de cada instrumento”*.⁴⁷

Recorrer ao poder dos meios técnicos para colocá-los a serviço do Evangelho encontra sua significação na convicção que, com estes instrumentos, pode-se difundir o bem ou propagar o mal, em um modelo linear de comunicação, que parte do autor ao destinatário, o qual não tem possibilidade imediata e significativa para reagir. De outra parte, era supervalorizado o poder dos autores: quem é dono do meio tem grande influência. Eis porque a corrida para “opor imprensa a imprensa”. Enfim dava-se por implícito o poder da imprensa e dos meios de comunicação de massa: eles modelavam mentalidades e atitudes.

Após o Concílio Vaticano II, a Igreja evoluiu na compreensão da comunicação. Passa da ideia dos meios na sua singularidade à visão de uma “cultura”. Cresce assim a consciência que *“o uso dos mass-média não tem apenas a finalidade de multiplicar o anúncio do Evangelho: trata-se de um fato muito mais profundo, porque a própria evangelização da cultura moderna depende, em grande parte, da sua influência. Não é suficiente, portanto, usá-los para difundir a mensagem cristã e o magistério da Igreja, mas é preciso integrar a mensagem nesta ‘nova cultura’, criada pela comunicação moderna”*.⁴⁸

Todavia, é importante ter presente que, *“embora Padre Alberione se expresse com a terminologia de ‘meios de comunicação’, nomeados singularmente ou em seu conjunto e, sobretudo após o Vaticano II, com a terminologia ‘instrumentos de comunicação’, a sua obra de*

⁴⁶ Sívio Sassi, Introdução ao Seminário “L’attualizzazione del carisma paolino nel terzo millennio: spiritualità e missione”, Ariccia, 18 de junho-3 de julho 2008, p. 46.

⁴⁷ Sívio Sassi, Atas do Seminário internacional “L’attualizzazione del carisma paolino nel terzo millennio”, op. cit., p. 11.

⁴⁸ João Paulo II, *Redemptoris Missio*, n. 37.

evangelização não é de caráter 'instrumental', mas é autêntica evangelização completa: 'a pregação escrita ao lado da pregação oral'".⁴⁹

Esta visão de conjunto e os valores herdados do carisma, alguns dos quais sublinhados anteriormente a respeito do apostolado das edições (isto é, o sentido teológico, o zelo sacerdotal e o coração pastoral, a prioridade da Palavra de Deus, os meios modernos...), não podem ser ignorados pelo Editor Paulino, sob o risco de perder o sentido da sua vida e missão na cultura da comunicação atual. O desafio é a fidelidade a esses aspectos do apostolado paulino, imergindo-se sempre mais na mentalidade da nova cultura e na nova lógica da comunicação que cria e amplifica velozmente a conexão em rede e fomenta "relações".

Certamente o modelo de comunicação de massa que inspirou o nosso Fundador não desapareceu. Ainda que continue a existir este sistema informativo, entendido na forma de "um-todos", constatamos que está em contínuo crescimento o modelo "todos-todos", típico das redes telemáticas no ambiente digital. Essa é uma das grandes mudanças, ou pelo menos uma das mais significativas, em relação à comunicação, da qual o Editor Paulino deve servir-se.

Da comunicação linear passa-se à comunicação em rede por meio de mecanismos informáticos, especialmente computador e celulares. O Editor Paulino deve compreender que vive numa realidade sempre mais conectada e que este tipo de comunicação, que é o próprio âmbito de sua missão, proporciona ao seu apostolado uma revolução histórica.

2.2 Tempo de mudança, tempo de crise

Conforme acabamos de expor, entre as mudanças que constatamos na cultura hodierna existem aquelas ocorridas no campo da comunicação, especialmente com a chegada das tecnologias digitais. A este respeito podemos nos fazer algumas perguntas, entre as quais: conhecemos a gramática do ambiente comunicativo assinalado pela conexão e pela comunicação em rede? Sabemos viver, trabalhar e evangelizar nessa cultura? Talvez, o fato de procurar responder a essas perguntas pode causar certo mal-estar, principalmente se nos damos conta de nosso analfabetismo digital.

Com efeito, *"descobrir-nos 'analfabetos digitais' ou também apenas 'imigrantes digitais', que balbuciam alguma palavra indispensável, pode provocar embaraço, inquietação, sentido de estranheza, desencorajamento"*.⁵⁰ Isto pode provocar uma crise e, conseqüentemente, pode levar-nos a assumir um destes comportamentos: ou um indiferentismo, como se essa realidade não existisse, e nesse caso se procura refugiar-se num mundo segundo as próprias fantasias; ou uma consciência que impele a superar este sentimento de embaraço e a despertar a própria vontade de aprender e assumir plenamente a nova realidade.

É certo que o contexto em que vivemos – social, político, cultural, religioso – influi sobre nossa vida, mas uma possível "crise" está sempre ligada à pessoa e não tanto à situação externa. De fato, *"crise é uma situação, um modo de posicionar-se em relação a uma realidade. Crise é situação da pessoa: não a realidade exterior, mas a pessoa situa-se ou se reencontra situada em relação de crise com essa realidade"*.⁵¹

A crise é uma condição humana e liga-se sempre à decisão. Para sair de uma crise é preciso tomar certas decisões. Uma saída possível é afrontar a situação com resiliência,

⁴⁹ Silvio Sassi, Atas do Seminário "L'attualizzazione del carisma paolino nel terzo millennio", op. cit., p. 10.

⁵⁰ Dario Edoardo Viganò, *Di quali modelli di comunicazione ha bisogno la Chiesa nel mondo?*, in Atas do 2º Seminário Internacional dos Editores Paulinos, op. cit., p. 107.

⁵¹ L. De Candido, "Crisi", in *Nuovo Dizionario di Spiritualità*, organizado por Stefano De Flores e Tullio Goffi, Cinisello Balsamo (Milão), San Paolo, 1985, pp. 336-337.

isto é, de modo positivo, extraíndo dela todas aquelas oportunidades que ela esconde. Já falamos de crise, quando dizíamos que “a pandemia é uma crise e de uma crise não saímos iguais”.

Evidentemente, se as pessoas entram em crise, entra em crise a própria instituição à qual elas pertencem, porque esta é formada pelas pessoas em carne e osso, com suas qualidades e debilidades, com seus medos e sua criatividade. As instituições não são outra coisa que um conjunto de relações pessoais estruturadas em torno de uma missão. Se os seus membros entram em crise, a própria missão entra em crise.

Então é necessário encarar juntos a crise, procurando tomar as decisões que sejam favoráveis ao bem comum. É necessário unir as forças, partilhando valores e estratégias em torno aos mesmos ideais onde as incumbências, diversas para cada um, são desenvolvidas numa visão de conjunto.⁵²

2.3 A lógica da comunicação em rede

O desafio atual para o Editor Paulino não é apenas assumir as novas tecnologias no campo digital, mas “decidir” entrar na lógica da comunicação em rede e “ver” nesta realidade um grande e complexo horizonte para estabelecer relações humanas.⁵³ De fato, “a rede digital pode ser um lugar rico de humanidade, não uma rede de fios, mas de pessoas humanas”,⁵⁴ uma rede de pessoas concretas, que defronte à obscuridade e às incertezas dos tempos em que vivemos necessitam de luz e de esperança. É a essas pessoas que o Editor Paulino é chamado a dar o testemunho do Evangelho e a anunciá-lo com as linguagens desta realidade comunicativa.

O Editor Paulino tem de se conscientizar que é necessário estar em rede para evangelizar em rede. É importante ter presente que na internet⁵⁵ a palavra “rede” deve ser entendida num sentido muito particular, enquanto não é construída segundo princípios hierárquicos, mas como se uma grande teia de aranha em forma de globo envolvesse a terra inteira sem confins nem centro.

A comunicação em rede tem uma lógica própria. Não há um centro que sustém o todo e não ocorre numa estrutura linear, mas “rizomática”.⁵⁶ “A figura da rede convida-nos a refletir sobre a multiplicidade de percursos e nós⁵⁷ que, na falta de um centro, uma estrutura de tipo hierárquico, uma organização de tipo vertical, asseguram a sua consistência. A rede funciona graças à participação de todos os elementos.”⁵⁸

⁵² Cf. Santiago De La Cierva, *La comunicazione di crisi nella Chiesa*, Roma, EDUSC, 2008, p. 15.

⁵³ Cf. Federico Badaloni, *Ripensare il ruolo dell'editore oggi*, in *Atas do 2º Seminário Internacional dos Editores Paulinos*, op. cit., p. 192.

⁵⁴ Francisco, *Mensagem para a 48ª Dia Mundial das Comunicações Sociais*, “Comunicação a serviço de uma autêntica cultura do encontro”, 1 de junho 2014.

⁵⁵ “Internet, mais que um meio de comunicação e de mudança, é um ambiente. Um ambiente cultural, social, tecnológico, midiático. Um ambiente em que se comunica, se socializa, se consome, se vende, se faz cultura, se viaja” (Vincenzo Comodo, *Consacratí on line. Rotte per la navigazione dei religiosi in Internet*, Milão, Ancora, 2006, p. 17).

⁵⁶ À Rede, entendida na sua acepção mais ampla de enredo e produção de múltiplos significados, conecta-se de maneira surpreendente a metáfora do “Rizoma”. O aspecto do Rizoma, pela sua ramificação, conexão e extensão, exprime uma representação conceitual muito interessante: todo ponto está conectado a cada um dos outros através de uma expansão multidirecional.

⁵⁷ Em âmbito informático o termo “nó” utiliza-se para se referir a um aparelho ligado em uma rede, que é capaz de comunicar com outros aparelhos ligados à mesma rede.

⁵⁸ Francisco, *Mensagem para a 53ª Jornada Mundial das Comunicações Sociais*, “Somos membros uns dos outros” (Ef 4,25). “Dalle social network communities alla comunità umana”, 24 de janeiro 2019.

Se um ponto ou nó – que tem valor em si e define-se em relação ao todo – é removido ou agregado, como consequência a estrutura da rede se autorreorganiza. Mais do que um fluxo unidirecional de informação – como ocorre com o livro, a TV, o rádio – a comunicação em rede digital não acontece segundo uma direção única, porque cada internauta, isto é, um usuário habitual de internet, constrói de forma autônoma e única a sua rota de navegação.

Reafirmamos que a rede não é somente “estrutura”, mas é “ambiente” de relações e se tornou parte integrante da vida pessoal e social do homem de hoje. “A rede não é apenas algo mais, exterior à vida; é condição, modo de viver. Não apenas usa-se a rede, mas vive-se em rede, e somos chamados a viver ali como ‘sal e fermento da terra’, como ‘testemunhas’ e ‘missionários’ da vida nova em Cristo”.⁵⁹ Nesse ambiente, o Editor Paulino é chamado a estar presente como alguém que não apenas tem uma mensagem a oferecer, mas também alguém que recebe e partilha, não como uma pessoa anônima, mas com sua identidade específica e estilo de vida paulino.

2.4 Habitar o ambiente digital

O ambiente digital caracteriza a sociedade contemporânea. Nele amplas faixas da humanidade estão imersas de forma ordinária e contínua. É uma verdadeira praça, um lugar de encontro onde as pessoas passam conectadas boa parte de seu dia.

Já não se trata apenas de “usar” instrumentos de comunicação, mas de “viver” numa cultura amplamente digitalizada, com impactos muito profundos sobre a noção de tempo e de espaço, sobre percepção de si, dos outros e do mundo, sobre o modo de comunicar, de entrar em relação com os outros, de aprender e estudar, de trabalhar, de informar-se, de rezar, etc.⁶⁰

Por isso o Editor Paulino precisa conhecer este ambiente e assumi-lo como um espaço social onde, por meio da interação humana, nascem formas novas na dinâmica do comunicar e do entrar em relação com as pessoas. Portanto, a primeira coisa é a de conhecer esta realidade, porque “uma solícita compreensão desse ambiente é o pré-requisito para uma presença significativa dentro do mesmo”.⁶¹

Nesse caminho é indispensável dar-se conta, primeiramente, que o ambiente digital não é uma realidade paralela àquela “físico-presencial” ou puramente virtual, mas é parte da vida cotidiana de muitas pessoas, como já afirmamos. Em outras palavras, o ambiente digital não se limita à conexão de dispositivos (computador e aparatos eletrônicos) entre si, mas é sobretudo a ativação de relações humanas num espaço em que as pessoas não estão presentes simplesmente como “massa”, mas cada um na sua individualidade, com inúmeras possibilidades de relação e de participação.

No ambiente digital o usuário não é um agente passivo, como pode ocorrer, em geral, perante os meios tradicionais. Ressaltamos o aspecto do protagonismo dos usuários porque este causa forte impacto sobre o nosso apostolado. De fato, os usuários “não apenas escolhem o percurso da navegação, mas se tornam, em relação aos conteúdos, coautores, mandando água abaixo a distinção clássica entre emitente e receptor, entre produtor e consumidor: hoje o emitente é apenas em parte depositário de um ‘original’ dotado de valor mais ou menos

⁵⁹ Dario Edoardo Viganò, *Di quali modelli di comunicazione ha bisogno oggi la Chiesa nel mondo?*, op. cit., p. 107.

⁶⁰ Cf. *Documento final do Sínodo dos Bispos sobre os Jovens*, 3-27 de outubro 2018, n. 21.

⁶¹ Bento XVI, *Mensagem para a 47ª Jornada Mundial das Comunicações Sociais: “Redes Sociais: portas de verdade e de fé; novos espaços de evangelização”*, 12 de maio 2013.

sacro, enquanto o receptor assume funções de autoridade e coautoridade, e de distribuição de materiais mediais que antes eram apanágio dos aparatos de emissão”.⁶²

Enfim, no ambiente digital transitam pessoas com seus desejos infinitos de contato, de consumo, de informação, de partilha da vida, de busca, de divertimento, de conteúdos, etc. Carregam consigo suas necessidades e preocupações, certezas e dúvidas, expectativas e também frustrações, a bondade e a maldade, etc. Assim, como são, as pessoas estão à procura de tantas coisas, entre as quais espaços de verdade, de acolhida, de reconhecimento, de paz... e também de Deus. São dados que, associados a tantos outros, nos fornecem ideias e temas para a “nossa” pastoral específica no espaço digital.

2.5 Os desafios da pastoral digital

O ambiente digital é também o lugar onde as pessoas buscam experiências religiosas. A este respeito, o magistério da Igreja tem consciência que *“não deveria existir falta de coerência ou de unidade na expressão da nossa fé e no nosso testemunho do Evangelho na realidade em que somos chamados a viver, seja ela física, seja ela digital. Quando estamos presentes aos outros, de qualquer modo, nós somos chamados a tornar conhecido o amor de Deus até os extremos confins da terra*”.⁶³

Se é verdade que, como aprendemos do nosso Fundador, a livraria é um templo e a tipografia um púlpito, certamente é verdade também que o ambiente digital é para nós um lugar imprescindível para levar Deus às pessoas e ajudá-las a criar um vínculo com a Igreja. Neste sentido, somos desafiados a descobrir e aprofundar a dimensão da experiência religiosa no ambiente digital, e assim fazer as escolhas apostólicas mais oportunas.

A primeira coisa que desejamos sublinhar em relação à pastoral digital é que, neste âmbito, é conveniente repensar o objetivo de nossa missão como um “serviço” e não tanto como um “produto”, mesmo que seja evidente que os produtos continuam a existir. A lógica do serviço põe no centro o homem na sua singularidade e, a partir de suas necessidades, como alguém que “escolhe” entre tantas possibilidades, enquanto que a lógica do produto, muitas vezes, põe no centro aquilo que pensamos possa “vender” mais, mas que nem sempre corresponde à verdadeira urgência do interlocutor.

Portanto, da parte do Editor Paulino deve haver a capacidade de individuar as comunidades existentes ou potenciais, e de ouvir e compreender as necessidades daqueles que delas participam. Deve existir a habilidade de criar espaços digitais e reais únicos para habilitar certo tipo de diálogo e de patilha, que esteja em grau de oferecer a solução às necessidades reais de cada pessoa ou comunidade.⁶⁴ Ou seja, primeiro criar relações e depois oferecer a mensagem concretizada no “produto”.

Uma segunda observação é que, apesar dos aspectos positivos do ambiente digital para a nossa missão, e considerando as múltiplas possibilidades de obter dados, o Editor Paulino deve estar atendo, em seu trabalho pastoral, para não produzir “edições” construídas nos escritórios, diante de um computador. Sim, é verdade que é imprescindível estar na rede, mas é também indispensável ter atenção para não estar fechados nela, com o risco de afastar-se dos interlocutores “onde e como” são,⁶⁵ conforme acenado acima.

⁶² Cf. Ivan Maffei, *Aspectos Religiosos*, in *Atas do 2º Seminário Internacional dos Editores Paulinos*, op. cit., p. 89.

⁶³ Bento XVI, *“Redes sociais: portas de verdade e de fé; novos espaços de evangelização”*, op. cit.

⁶⁴ Cf. Federico Badaloni, op. cit., pp. 193-194.

⁶⁵ Cf. Francisco, *Mensagem para a 55ª Jornada Mundial das Comunicações Sociais*, “Vem e vê” (Jo 1,46) – “Comunicar encontrando as pessoas onde e como são”, 23 de janeiro 2021.

O ambiente digital pode nos colocar diante da realidade dos interlocutores – com suas feridas e suas inquietudes, com as dúvidas e os medos que carregam no coração⁶⁶ – mas se não nos abirmos ao encontro, também físico, continuaremos espectadores externos, apesar das inovações tecnológicas que têm a capacidade de nos situar ante uma realidade aumentada⁶⁷ na qual temos a impressão de estar imersos.⁶⁸

Além disso, não podemos nos esquecer que uma pastoral digital não pode ser um amontoado de iniciativas individuais, mas deve nascer de um projeto comum. O Editor Paulino pertence a uma comunidade de pessoas que vivem os valores próprios da vida consagrada⁶⁹ e que se dedicam a um mesmo apostolado, segundo o carisma institucional. Não é um evangelizador solitário, mas participa de um apostolado “eminente comunitário”.⁷⁰ A comunidade é, antes de tudo, o lugar onde o Editor Paulino é chamado a praticar a vida “conectada” e “em rede”, e a partir dessa experiência fazer do mundo a sua paróquia.

Enfim, ainda que a qualidade técnica da conexão é um requisito imprescindível para abrir os canais para a comunicação, o objetivo que o Editor Paulino deve ter em vista na pastoral é a qualidade das relações, isto é, uma comunicação que leve ao verdadeiro encontro⁷¹ com Deus e com as pessoas. Sendo a comunicação o aspecto central da sua missão, ele deveria ser o primeiro a sentir-se interpelado para promover o encontro⁷² no âmbito de seu trabalho pastoral, a partir de sua identidade de homem de comunicação de Deus, como verdadeiro artesão de comunhão,⁷³ seja qual for o ambiente em que se encontra.

3. Artesão de comunhão gerado pelo Evangelho

Partindo de tudo que foi exposto acima e considerando a cultura atual da comunicação, podemos afirmar, sem a pretensão de exaurir a definição, que o Editor Paulino é “*um homem chamado por Cristo e consagrado a ser apóstolo da comunicação, a ser essencialmente um ‘editor’, aquele que dá forma a uma experiência, que escreve ou traduz a sua vida pessoal e comunitária de fé e de encontro com Cristo em palavras, textos, imagens, sons, vídeo, byte ou de qualquer outra forma que a técnica vai desenvolvendo; mas também em experiências e iniciativas onde toda linguagem está a serviço da inculturação do Evangelho com e na comunicação. Aquele que, a exemplo de Maria, dá (edit) o Salvador ao mundo*”.⁷⁴

Enquanto Editor Paulino, a sua missão não consiste apenas em difundir conteúdos nas diversas plataformas analógicas e digitais, mas em ser, ele próprio, um “homem de comunicação”, que “transpira Deus por todos os poros”, um homem que cria e cultiva re-

⁶⁶ Dario Edoardo Viganò, *Di quali modelli di comunicazione ha bisogno oggi la Chiesa nel mondo?*, op. cit., pp. 100-101.

⁶⁷ A realidade aumentada é uma tecnologia, relativamente recente, e em evolução contínua. Se quiséssemos defini-la, de modo muito genérico, se poderia dizer que é a representação de uma realidade alterada em que, à realidade normal percebida pelos nossos sentidos, são sobrepostas informações artificiais e virtuais.

⁶⁸ Cf. Francisco, *Mensagem para 55ª Jornada Mundial das Comunicações Sociais*, op. cit.

⁶⁹ *Constituições e Diretório da Sociedade de São Paulo*, art. 16.

⁷⁰ *Ibidem*, art. 15.

⁷¹ Cf. Francisco, *Mensagem para a 48ª Jornada Mundial das Comunicações Sociais*, “Comunicação a serviço de uma autêntica cultura do encontro”, 01 de junho 2014.

⁷² Cf. *Carta anual do Superior Geral da Sociedade de São Paulo*, “Apóstolos comunicadores, para uma cultura do encontro”, 2018.

⁷³ “Na origem da palavra comunicação está o termo ‘comunhão’. A comunicação é sempre uma procura do outro e um partilhar. Ela tem a capacidade de romper barreiras que construímos ao redor de nós mesmos, o círculo fechado da nossa autossuficiência, e nos permite buscar o outro, reconhecer sua alteridade, a sua especificidade, a sua diferença em relação à nossa pessoa” (cf. *Carta Anual do Superior Geral da Sociedade de São Paulo*, 2018).

⁷⁴ *Linhas editoriais. Identidade, conteúdos e interlocutores do apostolado paulino*, 2018, 1.2.

lações, seja nos contatos diretos com as pessoas, isto é, “presencialmente”, seja nas redes digitais.

Em sua missão o Editor Paulino tem diante de si referenciais imprescindíveis que deve seguir. O primeiro é Jesus, que não apenas oferece o “conteúdo” da mensagem, mas ele próprio é o “método” da comunicação. É o “comunicador perfeito”,⁷⁵ o Mestre – Caminho, Verdade e Vida – que ensina a criar e cultivar relações. E em segundo lugar, São Paulo, o discípulo “que conhece o Mestre em sua plenitude”,⁷⁶ e que não apenas anuncia o Evangelho em palavras e com os seus escritos, mas é ele próprio homem de comunicação, hábil no trabalho em rede com as comunidades e com os seus colaboradores.

3.1 Jesus, Editor do Evangelho

Na expressão de Padre Alberione, Jesus, o Divino Filho, é o Editor do Evangelho. É o primeiro referencial do Editor Paulino, não pelos textos que elaborou, porque pessoalmente nada escreveu – isso foi feito pelos discípulos –, mas pela vida que viveu. Cristo é o “Evangelho eterno” (EG 11). Ele é a comunicação do Pai: “Revela-nos o Pai, no Espírito, e nos abre à vida trinitária, como ‘comunhão’ das três pessoas divinas”.⁷⁷

A Trindade não é um conjunto de três “indivíduos”, mas uma comunidade (em perfeita harmonia!) de três “pessoas”. Com efeito, “Deus não é solidão, mas comunhão; é Amor, e portanto comunicação, porque o amor sempre comunica, aliás, comunica a si mesmo para encontrar o outro. Para comunicar conosco e para comunicar-se a nós, Deus se adapta à nossa linguagem, estabelecendo na história um verdadeiro e próprio diálogo com a humanidade”.⁷⁸

Esta comunicação, “diálogo” de Deus com a humanidade, atingiu sua perfeição em Jesus, o Verbo feito carne: “A Palavra se fez carne e armou sua tenda entre nós” (Jo 1,14). A espiritualidade e a lógica da encarnação iluminam a vida e o trabalho apostólico do Editor Paulino.

3.1.1 O amor encarnado nas relações

À luz da Encarnação, podemos dizer que “o próprio Filho é a Palavra, é o Logos: a Palavra eterna fez-se pequena; tão pequena que cabe numa manjedoura. Fez-se criança, para que a Palavra possa ser compreendida por nós. Desde então a Palavra já não é apenas audível, não possui somente uma voz, agora a Palavra tem um rosto, que por isso mesmo podemos ver: Jesus de Nazaré”.⁷⁹ Nele, a Palavra se faz libertadora e redentora para toda a humanidade!

O Verbo encarnado deixou-nos o exemplo de como comunicar com o Pai e com o Espírito, nos momentos de silêncio e de recolhimento, e também de como comunicar com as pessoas, especialmente com as mais necessitadas. De fato, Jesus “falava plenamente inserido nas condições concretas do seu povo, proclamando indistintamente a todos o anúncio divino de salvação com força e perseverança, e adaptando-se ao seu modo de falar e à sua mentalidade”.⁸⁰

Na comunicação, Jesus criava relações num contato contínuo com as pessoas em suas realidades existenciais. Como nos recorda o nosso Fundador, “o Filho de Deus desceu do céu até nós, assumindo a forma de servo; veio procurar os pecadores ao ponto de ser acusado

⁷⁵ Cf. *Communio et progressio*, n. 11.

⁷⁶ Tiago Alberione, *Abundantes divitiae*, 159-160.

⁷⁷ Maria Regina Cesarato, *Jesus Mestre, modelo-original de comunicador*, in *Atas do 2º Seminário Internacional sobre a Formação Paulina para a Missão*, op. cit., p. 285.

⁷⁸ Francisco, “Somos membros uns dos outros” (Ef 4,25), op. cit.

⁷⁹ Bento XVI, *Verbum Domini*, n. 12.

⁸⁰ Pontifícia Comissão para as Comunicações Sociais, *Communio et progressio*, n. 11.

de muita familiaridade com eles; nas conversas se fazia entender, usando comparações e parábolas e palavras simples também aos pastores, ao povo, às crianças. Nobre e simples ao mesmo tempo, portanto".⁸¹

Deixando-se orientar pelo critério da encarnação, o Editor Paulino é chamado a anunciar o Evangelho, seja encarnando-o em si, seja "materializando-o" com todas as linguagens da comunicação: com o escrito, com o som, com a música, com a imagem, mediante a imprensa, o rádio, a televisão, o cinema, com a comunicação analógica e digital.

Um dado importante da comunicação de Jesus é que na base de suas palavras e de suas ações está a força do amor. Este é o caminho que ele indica também aos seus discípulos, quando lhes deixa o mandamento novo, que deve ser o motor da vida: *"Eu dou a vocês um mandamento novo: amem-se uns aos outros. Assim como eu amei vocês, que vocês se amem uns aos outros. Se vocês tiverem amor uns aos outros, todos vão reconhecer que vocês são meus discípulos"* (Jo 13,34-35).

É o amor que leva cada pessoa – e o Editor Paulino! – a dilatar a mente e o coração, que impulsiona ao perdão e à misericórdia, que cria relações, gera fraternidade e conduz ao serviço. Com efeito, *"o amor, por sua natureza, é comunicação, leva à abertura e não ao isolamento. E se nosso coração e nossos gestos são animados pela caridade, pelo amor divino, a nossa comunicação será portadora da força de Deus"*.⁸²

Nessa perspectiva, e em referência ao apostolado paulino, podemos afirmar que, justamente porque o amor gera comunicação, ele é comunhão, é dinâmico, é criativo... Estimulantes são as palavras de nosso Fundador quando afirma que *"o amor, o verdadeiro amor, é inventivo. Quando se tem no coração o fogo (não algo de sentimental e vaporoso), surgem tantas iniciativas e tantas habilidades. O verdadeiro amor é aquele que se mostra com a fadiga de cada dia pelo apostolado: este faz pensar, correr, organizar"*.⁸³ Este amor iluminou o apóstolo Paulo, e o transformou num homem de relações, o levou a trabalhar em rede e em comunhão em vista da missão, conforme aprofundaremos a seguir.

3.2 Paulo, o apóstolo "conectado"

Partimos do axioma que Padre Alberione nos deixou, segundo o qual para o Editor Paulino *"o original é Jesus Cristo; a forma é São Paulo"*.⁸⁴ Com efeito, *"de São Paulo, o Editor Paulino tira a capacidade de interceptar as questões concretas do mundo (no plano eclesial, comunitário, social, etc.) e o seu esforço de adaptar a linguagem a cada interlocutor. Assume, depois, a dimensão da pastoralidade e da universalidade, a profecia, o zelo e o empenho total, a paixão e a capacidade de escuta, a audácia e a habilidade de construir uma rede de colaboradores, o dinamismo apostólico e o senso de responsabilidade. Dele aprende a tudo fazer pelo Evangelho"*.⁸⁵

Já dissemos que o Editor Paulino deve utilizar-se de todos os instrumentos de comunicação, e que o ambiente digital é um campo aberto a ser explorado. Certamente, se São Paulo vivesse hoje, servir-se-ia também do correio eletrônico, de WhatsApp, das redes sociais etc., mas evidentemente não deixaria de valorizar os contatos diretos com cada pessoa em particular e com as comunidades.

⁸¹ Tiago Alberione, *Apostolato Stampa*, 1933, p. 107.

⁸² Francisco, *Mensagem para a 50ª Jornada Mundial das Comunicações Sociais*. "Comunicação e misericórdia: um encontro profundo", 24 de janeiro 2016.

⁸³ Tiago Alberione, *Haec meditare* II, 8 (1948), pp. 179-180.

⁸⁴ Tiago Alberione, *Vademecum*, n. 653.

⁸⁵ *Linhas editoriais. Identidade, conteúdos e interlocutores do apostolado paulino*, 2018, I.I.

É o que vemos nas cartas de Paulo, isto é, a sua preocupação pelas pessoas concretas: “As comunidades, os rostos, os nomes (alguns dos quais são recorrentemente mencionados), as situações e os contextos que Paulo cita com naturalidade, interpelando um por um os interlocutores do seu discurso, fazendo da carta um veículo de sentido ‘mirado’, orientado precisamente a um nome, a um endereço, a uma destinação”.⁸⁶

Sim, mas para partilhar o quê? Com certeza, antes de tudo para partilhar a experiência do encontro que, por graça, ele teve com Jesus, morto e ressuscitado; para anunciar o seu amor e a sua misericórdia! Na perspectiva de “Paulo comunicador”, queremos em seguida refletir sobre alguns aspectos de sua vida que, acreditamos, sejam importantes para a vida do Editor Paulino, todos tomados da Carta aos Romanos, que Padre Alberione considerava o modelo principal para o apostolado das edições.

3.2.1 O modelo das edições

Podíamos resgatar muitos aspectos da vida de São Paulo para evidenciar como eles inspiram o Editor Paulino na sua missão, mas preferimos partir da afirmação de nosso Fundador quando diz que “a Carta de São Paulo aos Romanos é o primeiro e principal ensaio do apostolado das edições, o exemplar sobre o qual cada edição paulina deveria modelar-se”.⁸⁷ Recordamos que esta carta foi a tal ponto cara a Padre Alberione que ele próprio quis representá-la em um belo quadro na igreja dedicada a São Paulo na Casa Mãe, em Alba. Como ele próprio afirma, “o quadro no seu conjunto representa bem a índole e a finalidade do nosso apostolado: levar o Evangelho a todos os povos, de todos os tempos”.⁸⁸

É para a comunidade de Roma que Paulo transmite a convicção que sua missão é anunciar o Evangelho e que o centro do Evangelho é a pessoa de Jesus na sua vida terrena, morte e ressurreição. Sabemos que Paulo, quando escreve a Carta aos Romanos, ainda não conhecia pessoalmente a comunidade, mas já a tinha no coração e guardava o desejo ardente de encontrá-la (cf. Rm I, 11).

No entanto, podemos nos perguntar: em que aspectos a Carta aos Romanos inspira o apostolado paulino? Num texto de 1958, Padre Alberione procura explicar – e aqui apresentamos sinteticamente – três características que devem ser parte da identidade do Editor Paulino.⁸⁹

- a) Estar bem revestido do Espírito de Jesus Cristo para estar repleto do que se deseja dar. Se queremos levar o bem às almas, é preciso que o possuamos, porque ninguém dá o que não tem.
- b) São Paulo adapta os princípios do Evangelho, interpreta-os, explica-os e dedica às pessoas, particularmente aos pagãos, o seu tempo, ao menos o que para eles é necessário. É preciso ter sempre presente qual o auditório, quais os leitores, quem são os destinatários, e dar a eles aquilo que pode fazer bem, diretamente ou indiretamente.
- c) O zelo. São Paulo tinha em seu coração todos os povos. O amor a todas as almas, particularmente àquelas que vivem nas trevas, na ignorância.

⁸⁶ Giuseppe Mazza, *São Paulo, modelo de comunicador*, in *Atas do 2º Seminário Internacional dos Editores Paulinos*, op. cit., p. 213.

⁸⁷ Tiago Alberione, *Spiritualità paolina* (1962), p. 88.

⁸⁸ *Idem*.

⁸⁹ Cf. Tiago Alberione, *Alle Figlie di San Paolo*, 1958, pp. 53-59.

De fato, na Carta dirigida à comunidade cristã de Roma, após ter-se apresentado como “*servo de Cristo Jesus, chamado para ser apóstolo, escolhido para o evangelho de Deus*” (Rm 1,1), Paulo deixa transparecer sua visão aberta e universal a respeito de sua missão, quando assim afirma: “*Sou devedor a gregos e bárbaros, a sábios e ignorantes. Daí o meu propósito de levar o Evangelho também a vocês que estão em Roma*” (Rm 1,14-15).

Hoje, numa sociedade sempre mais conectada, São Paulo continua inspirando o Editor Paulino a ter uma grande abertura de coração e de mente. A este respeito são atualíssimas as palavras de nosso Fundador, quando sustenta: “*adquirir um coração amplo, um coração apostólico, o coração de São Paulo*”.⁹⁰ E ainda: “*Quem se aproxima de São Paulo pouco a pouco se transforma, aprende a viver como ele, a rezar como ele. Quem ama São Paulo logo dilata o seu coração, torna-se generoso, de visão ampla*”.⁹¹

3.2.2 Evangelização em rede

Apesar de o apóstolo Paulo ter vivido em um período histórico em que não havia as tecnologias digitais, ele já desempenhava sua missão na dinâmica das redes com recursos do seu tempo. Lendo suas cartas nos damos conta da sua capacidade, não obstante as dificuldades, de criar e de sustentar relações, seja com aqueles que estavam longe, seja com aqueles que estavam próximos dele, especialmente os seus colaboradores. Podemos constatar que as relações não eram superficiais, mas nasciam pelo menos de duas convicções basilares e interligadas: o amor, como força que gera relações fraternas, e a certeza de ser parte de um corpo.

Em Jesus, o seu Mestre, Paulo aprendeu que o amor é a plenitude da Lei (cf. Rm 13,10) e que conduz a relações fraternas (Rm 12,9-21). É a partir desta convicção que Paulo assumiu o amor como base do seu projeto de vida e dos relacionamentos humanos, a ponto de dizer aos cristãos de Roma: “*Que vosso amor seja sem hipocrisia, detestando o mal e apegados ao bem; com amor fraterno, tendo carinho uns para com os outros, cada um considerando os outros como mais dignos de estima... Tende a mesma estima uns pelos outros, sem pretensões de grandeza, mas sentindo-vos solidários com os mais humildes. Não vos deis ares de sábios... Não te deixes vencer pelo mal, mas vence o mal com o bem* (Rm 12,9-10.16.21).

De seu encontro com Jesus, Paulo aprendeu que o homem de fé, que se deixa conduzir pelo amor, não caminha sozinho, mas com Deus, com os outros e com a comunidade. Ele tem plena consciência que ser cristão é fazer parte de um corpo: “*Pois assim como num só corpo temos muitos membros, e os membros não têm todos a mesma função, de modo análogo, nós somos muitos e formamos um só corpo em Cristo, sendo membros uns dos outros*” (Rm 12,4-5).

A metáfora do corpo e dos membros nos ensina que a vida cristã está fundada sobre a comunhão e sobre a alteridade. Nessa perspectiva compreendemos que as pessoas que pertencem à comunidade não são estranhas ou potenciais concorrentes, mas irmãos no sentido mais profundo. Paulo nos ajuda a ver que em Cristo descobrimos a alteridade em um modo novo, como parte integrante e condição da relação e da proximidade.⁹²

⁹⁰ Tiago Alberione, *Prediche del Primo Maestro* 5 (1957), p. 161.

⁹¹ Tiago Alberione, *È necessario pregare sempre* 2 (1940), p. 362.

⁹² Cf. Francisco, “*Somos membros uns dos outros*” (Ef 4,25), op. cit.

Esses princípios estão na base da vida e da missão de Paulo, e também da evangelização em rede por ele conduzida. Com efeito, Paulo cria em torno de si uma rede de pessoas que trabalham juntas, em sinergia, como verdadeiro time. São os *synergoí* ou “colaboradores”.⁹³ Só no capítulo 16 da Carta aos Romanos aparece uma longa lista de nomes de pessoas (homens e mulheres) a quem Paulo dirige sua saudação e, mediante alguns deles, aos grupos eclesiais aos quais pertenciam. Esses contatos indicam que, além de ser “editor” de cartas, ele mantinha com eles um contato pessoal. A “carta” era uma forma de comunicação a distância fixada por escrito, que prolongava a comunicação oral que já ocorria em forma direta.

Retornando à realidade comunicativa de hoje, conforme acenamos, o ambiente digital torna-se um desafio para o Editor Paulino, como lugar para criar relações em vista do anúncio do Evangelho. Todavia, “*a conexão digital não é suficiente para construir pontes, não é capaz de unir a humanidade*”.⁹⁴ De fato, “*os meios atuais permitem que comuniquemos entre nós e que compartilhem conhecimentos e afetos. Porém, às vezes também nos impedem de ter contato direto com a angústia, com o temor, com a alegria do outro e com a complexidade de sua experiência pessoal*”.⁹⁵ Na pastoral da comunicação é necessário então que se integre o ambiente digital com o mundo físico presencial, que jamais poderá ser substituído.

3.2.3 A renovação da mente

O apóstolo Paulo está consciente de ter um conteúdo para transmitir – o Evangelho! – e que para se pôr no seguimento de Cristo é necessária uma renovação integral constante, cuja condição para ser realizada é libertar-se das ideologias do mundo ou de todas aquelas ideias que não correspondem ao Evangelho. É esta a óptica de sua exortação à comunidade de Roma: “*Não vos conformeis com este mundo, mas transformai-vos, renovando a vossa mente, a fim de poderdes discernir qual é a vontade de Deus, o que é bom, agradável e perfeito*” (Rm 12,2).

As duas palavras decisivas – “transformar” e “renovar” – convidam a nos tornar homens novos, transformados num modo novo de existência. Certamente Paulo, ao fazer essa exortação, não fala de uma teoria mas de sua experiência de vida. É esse o processo que ele próprio viveu, como esclarece o fundador: “*São Paulo converteu-se na mente: trocou completamente as ideias*”. E acrescenta: “*Também nós, para converter-nos na mente, devemos mudar as ideias. É necessário abraçar as máximas do Evangelho de hoje*”.⁹⁶

É na mente que assumimos o Evangelho e refutamos “as coisas” do mundo. Não apenas no plano racional, mas também prático. É certo quando Padre Alberione afirma que “*da mente vem tudo. Se alguém pratica uma boa obra é porque a pensou e depois a quis e depois a realizou. Portanto sempre, primeiro ponto a ter presente, é a mente. E se existe algum pecado ou alguma imperfeição, algum defeito, primeiro é na mente. Oh, santificar a mente, isto é, segundo a verdade. Usar bem a mente, a inteligência*”.⁹⁷

É da mente que nasce a conversão como “mudança de direção”. Neste sentido, a vida de santidade não é outra coisa que deixar-se conduzir pela “mentalidade” do Evangelho, uma mentalidade que envolve os sentimentos, a vontade, a piedade, as relações humanas, toda a vida. É da mente que nasce a renovação apostólica. Portanto, se queremos uma Congregação dinâmica e renovada apostolicamente, é necessária a renovação da mente.

⁹³ Rinaldo Fabris, *Tutto per il Vangelo*, Cinisello Balsamo (Milão), San Paolo, 2008, p. 56.

⁹⁴ Francisco, *Fratelli Tutti*, n. 43.

⁹⁵ Francisco, *Laudato si'*, n. 47.

⁹⁶ Tiago Alberione, *Esercizi e meditazioni del Primo Maestro*, Filhas de São Paulo, (1952), p. 75.

⁹⁷ Tiago Alberione, *Alle Pie Discepole del Divin Maestro VIII* (1963), p. 369.

O nosso apostolado, que trabalha com as “edições” no âmbito da comunicação contemporânea, exige mentalidade sempre renovada e criativa quanto aos conteúdos, ao método de trabalho, aos meios, à organização etc. Uma mentalidade “velha” é sempre um grande perigo. A roda do carro paulino do “estudo” (entendida como “estudiosidade”)⁹⁸ nos orienta nessa direção, isto é, nos leva ao empenho e à atualização constantes, fatores que dependem justamente da mente para que não envelheçamos.

Porém, é necessário esclarecer que uma “mentalidade velha” nem sempre está ligada à idade cronológica. A idade anciã é graça e dom de Deus. A “mentalidade velha”, mais que da idade depende de cada pessoa, em qualquer idade ela esteja. Com efeito, podemos encontrar pessoas anciãs com mentalidade “jovem” e que ainda sonham, assim como pessoas jovens com uma mentalidade velha, sem qualquer projeto e sem ânimo.

É necessária, então, uma mentalidade sempre jovem! Como Padre Alberione afirma: *“No entanto se envelhece! É verdade. Mas seja claro: sempre jovem, o clero: se se mantém atualizado nos estudos; se na piedade vive o seu tempo; se na sua atividade pastoral sente-se ligado às necessidades do povo; se sabe conservar as suas energias físicas, por quanto possível, com vida moderada; se em todo tempo vive em Jesus Cristo sempre jovem; e na Igreja, que nunca envelhece”*.⁹⁹ Viver em Jesus, sempre jovem, como fez São Paulo! Eis o segredo da eterna juventude.

4. Lançando-nos para frente

Caríssimos irmãos, certamente nesta Carta poder-se-iam acrescentar tantos outros elementos a respeito do tema escolhido. Esta é apenas uma proposta de reflexão com o objetivo de pensar a nossa missão neste tempo tumultuado que estamos vivendo e encontrar caminhos novos para enfrentá-lo. De fato, a situação de mal-estar, que é global, nos impele a repensar a nossa vida paulina em todas as suas dimensões. Então, considerando que todos estamos no mesmo barco e que nele cada um de nós é importante, só nos resta empreender o caminho em sinodalidade,¹⁰⁰ que é sobretudo um caminho de escuta, em que uns escutam os outros e todos procuram escutar o que o Espírito diz.

Rebatemos que tudo está conectado. A própria pandemia é disso uma prova. Também nós, como tantas outras pessoas espalhadas pelo mundo, experimentamos as quarentenas e o isolamento, o susto e os medos, a desorientação e as incertezas. Nosso dia a dia também mudou, e tivemos de rever os nossos programas e projetos, redimensionar as despesas e os investimentos, repensar a economia devido às perdas econômicas.

Agora é o momento de retomar o caminho, não fechados em nossa autorreferencialidade mas olhando com objetividade a situação concreta do povo que somos convocados a servir, que vive num mundo globalizado, e justamente por isso, também em meio às “situações críticas” que aumentam: entre essas podemos citar a fome (de Deus e de pão!), o desemprego, a miséria, as doenças, as incertezas quanto ao futuro, o medo e a solidão, juntamente a tantas outras feridas e dores.

Não podemos ser cúmplices da “globalização da indiferença”, mas devemos sempre ser impulsionados a levar, com voz profética, o Evangelho, mediante o nosso apostolado e, onde for necessário, não apenas difundir o Evangelho, mas também “denunciar” as injustiças e as realidades que não correspondem à sua proposta.

⁹⁸ Cf. *Carta anual do Superior geral da Sociedade de São Paulo, “Uma congregação sinodal a serviço do Evangelho na cultura da comunicação”, 2020.*

⁹⁹ Tiago Alberione, *Carissimi in San Paolo* (1971), p. 275.

¹⁰⁰ Cf. *Carta anual do Superior geral da Sociedade de São Paulo, “Uma congregação sinodal a serviço do Evangelho na cultura da comunicação”, 2020.*

Neste tempo, mais do que nunca, aprendemos como a relação de cuidado apresenta-se como o paradigma fundamental da convivência humana. Vimos isso, e continuamos a ver com clareza, por exemplo, na dedicação dos agentes sanitários, que despendem generosamente todas as próprias energias, com risco às vezes da própria saúde ou até da própria vida, para aliviar o sofrimento dos doentes. Nós também, por meio de nosso apostolado, somos chamados a dar nossa parte, a cuidar, com “coração pastoral”, do povo ao qual nos dirigimos!

Insistir sobre a retomada não significa, evidentemente, que neste período de pandemia as nossas Circunscrições nada tenham feito e tenham permanecido inertes. Vimos o empenho de levar em frente, mesmo com dificuldade, as publicações impressas e também várias iniciativas no campo digital, como por exemplo a transmissão em streaming da missa ou do rosário, entrevistas, lançamentos de livros, encontros, conferências e seminários, produções de vídeo nas redes sociais, etc. Tudo é sinal de que as dificuldades nos motivaram também a descobrir novas oportunidades e nos impulsionaram a avançar sempre mais no imenso território que é o ambiente digital. E devemos dar continuidade a este caminho, obviamente não como “evangelizadores individuais”, mas juntos, em um projeto circunscricional que contemple as diversas iniciativas.

* * *

Ressaltamos, à maneira de conclusão, que a conexão de que falamos evidentemente não se restringe aos meios de comunicação ou ao ambiente digital. Somos chamados a situá-la no âmbito mais vasto da “ecologia integral”¹⁰¹ que envolve todas as dimensões humanas, sociais e ambientais.

Tudo está conectado e nessa conexão as pessoas têm uma função imprescindível! “*Visito que todas as pessoas estão conectadas entre si, deve-se reconhecer o valor de cada uma com afeto e admiração, e todos nós, seres criados, temos necessidade uns dos outros*”.¹⁰² Nessa perspectiva, somos chamados, como Editores Paulinos, a sentir a necessidade uns dos outros, partindo da realidade das nossas comunidades, esforçando-nos para construir relações fraternas – marcadas pela misericórdia e pela harmonia entre as gerações –, na valorização de cada pessoa, também de nossos coirmãos anciãos e doentes que nos enriquecem com seu apostolado do sofrimento e da oração.

Em nosso propósito de tudo fazer pelo Evangelho na cultura da comunicação atual, a Palavra de Deus e a Eucaristia, bem como os momentos de oração pessoal e comunitária, tornam-se nutrimentos imprescindíveis para crescer no amor, na comunhão e na audácia em vista da nossa missão.¹⁰³ São estas as referências privilegiadas nas quais podemos encontrar a luz necessária para o discernimento, na busca das respostas às interrogações que este tempo nos propõe.

Considerando o que foi exposto, sugerimos algumas perguntas que acreditamos úteis para aprofundar certos pontos que emergiram, para ajudar nossa reflexão pessoal e comunitária:

¹⁰¹ Cf. Francisco, *Laudato si'*, nn. 137-162.

¹⁰² *Ibidem*, n. 42.

¹⁰³ Cf. *Carta anual do Superior geral da Sociedade de São Paulo, “Fazer tudo pelo Evangelho, no amor, em comunhão e com audácia”*, 2015.

1) Retomando a identidade do Editor Paulino

- a) Quais são os aspectos “imutáveis” da nossa identidade de Editores Paulinos que julgamos necessário reforçar na nossa vida e na nossa missão na cultura da comunicação?
- b) Como estamos continuando o apostolado com a imprensa e com os “meios tradicionais”? Quais as dificuldades que temos encontrado a este respeito (e ainda estamos encontrando), especialmente neste tempo de pandemia, e quais as oportunidades que observamos?

2) O Editor Paulino em um mundo conectado

- a) O que estamos fazendo, de concreto, que atesta não apenas que estamos integrando os meios tradicionais de comunicação no ambiente digital, mas que estamos de fato passando de uma visão linear da comunicação para a lógica da comunicação em rede, que privilegia as relações?
- b) Quais são os desafios para realizar uma verdadeira “pastoral digital”? A que ponto estamos quanto a isso?
- c) Como estamos vivendo a formação integral paulina, para enfrentar as várias exigências do nosso apostolado?

3) Artesão de comunhão gerado pelo Evangelho

- a) Considerando a espiritualidade paulina como um “estilo de vida”, o que ensinam Jesus e São Paulo – em particular na Carta aos Romanos – ao Editor Paulino sobre seu empenho de ser verdadeiro “artesão de comunhão” na atual cultura da comunicação?
- b) Como vivemos a “comunicação”, em referência às relações (com Deus, com nós mesmos e com os coirmãos, com nossos interlocutores, com a Família Paulina, com a Igreja local, com as outras instituições)? Que tipo de iniciativas apostólicas nos levam a criar relações com as pessoas, seja no ambiente digital seja no contato direto presencial?
- c) Conseguimos trabalhar em “sinergia” com os nossos coirmãos e com os nossos colaboradores leigos, em um efetivo caminho sinodal, em vista da nossa missão? Que dificuldades encontramos? Como superá-las? Que espaço ocupam a Palavra de Deus e a Eucaristia, como alimento deste caminho?

4) Lançando-nos para frente

- a) Constatando as consequências negativas da pandemia da Covid-19, que âmbitos da vida paulina temos necessidade de “reinventar” à luz do Evangelho e do carisma institucional? Quais iniciativas apostólicas novas podemos assumir, para responder às necessidades do povo que somos chamados a servir? Qual o modelo de organização apostólica mais adequado, hoje, para uma Congregação que tem por carisma a comunicação?

* * *

Encaremos o futuro com esperança, procurando renovar, cada dia, o “Pacto” com Jesus Mestre, no qual reconhecemos as nossas incapacidades e insuficiências, e confiemos as nossas preocupações e as nossas dúvidas a Ele, que é o Caminho, a Verdade e a Vida, na certeza que nos dará luz, “bom espírito, graça, ciência, meios de bem” e todo o necessário para prosseguir na alegria de evangelizar.

Vamos concluir com uma oração¹⁰⁴ que pode também tornar-se verdadeiro programa de vida para o Editor Paulino, em um mundo sempre mais conectado.

*Senhor, fazei de nós instrumentos da vossa paz.
Fazei-nos reconhecer o mal que se insinua
em uma comunicação que não cria comunhão.
Tornai-nos capazes de tirar o veneno dos nossos juízos.
Ajudai-nos a falar dos outros como de irmãos e irmãs.
Vós sois fiel e digno de confiança;
fazei que as nossas palavras sejam sementes de bem para o mundo:
onde houver rumor, fazei que pratiquemos a escuta;
onde houver confusão, fazei que inspiremos harmonia;
onde houver ambiguidade, fazei que levemos clareza;
onde houver exclusão, fazei que levemos partilha;
onde houver sensacionalismo, fazei que usemos sobriedade;
onde houver superficialidade, fazei que ponhamos interrogativos verdadeiros;
onde houver preconceitos, fazei que despertemos confiança;
onde houver agressividade, fazei que levemos respeito;
onde houver falsidade, fazei que levemos verdade.
Amém.*

Fraternalmente,

Roma, 30 de junho de 2021
Solenidade de São Paulo Apóstolo



Valdir José De Castro
Pe. Valdir José De Castro, SSP
Superior geral

¹⁰⁴ Francisco, Mensagem para a 52ª Jornada Mundial das Comunicações Sociais, “A verdade vos libertará (Jo 8,32). Fake News e jornalismo de paz”, 24 de janeiro 2018.